

## O mistério da urna selada há 42 anos

MANUEL CARLOS FREIRE em 27/05/2010-quinta



Trasladação nos arredores de Peniche encontrou areia, um sapato e roupa no lugar das ossadas.

A perturbação de descobrir areia no lugar das ossadas do soldado Tertuliano Henriques impediu, segunda-feira, os familiares de repararem se havia vestígios do sinete de lacre vermelho sobre a fita de seda lilás com que a urna foi envolvida há 42 anos, em Luanda.

Esses vestígios, se existirem, contribuirão para esclarecer um mistério que o presidente da Liga dos Combatentes, general Chito Rodrigues, considera ser quase impossível de resolver ao fim deste tempo. "Com os dados que temos não vamos a lado nenhum..."

O sobrinho do militar, Luís Bernardo, evocou ontem o espanto e revolta sentidos pelos familiares que assistiam à trasladação da urna no cemitério da Bufarda (arredores de Peniche): "Foi um choque duplo. A minha tia faleceu [domingo, vítima de cancro] antes do levantamento das ossadas... Se fosse há mais tempo, como ela queria, teria falecido de ataque cardíaco" após 42 anos a visitar a campa quase todas as semanas, acrescentou o familiar.

A urna que se supunha conter os restos mortais de Tertuliano Rosário Henriques (natural da freguesia de Atougua da Baleia, Peniche) teve de ser aberta durante o funeral da viúva para satisfazer a sua vontade de ser enterrada junto do marido - e também para resolver o problema criado pelo alargamento do cemitério, que transformara em arruamento o local onde a campa do militar foi deposta, a 25 de Agosto de 1967.

Agora, a família tem uma certeza - "saber a verdade" sobre a existência de "areia, um sapato e uma peça de roupa" em vez das ossadas - e várias perguntas, entre elas saber "se vale a pena" processar o Estado, "se a urna saiu de [Luanda]" ou se "puseram algum produto para fazer desaparecer o corpo".

Alberto Caçador e os veteranos Vítor Vala e Fausto Santos admitem outra hipótese: "Na guerra, se rebenta uma bomba, quem é que vai andar a apanhar bocados?" E "ai de

quem tentasse abrir os caixões. Quem se pusesse a fazer um trabalho desses era logo preso".

O soldado Tertuliano Henriques chegou a Luanda poucas semanas antes do desastre, integrado no "pelotão sem recuo 1197" (artilharia) de uma unidade de infantaria. Segundo os registos oficiais e testemunhos de habitantes da freguesia de Atouguia da Baleia que cumpriram o serviço militar na mesma área e na mesma altura, Tertuliano Henriques morreu a 28 de Junho de 1967 - um dia depois de celebrar 22 anos - no despiste do jipe onde viajava, sendo depois transportado para o Hospital Militar Principal de Luanda.

No documento da Conservatória do Registo Civil da Comarca de Luanda, lido pelo DN, diz-se que se "procedeu à imposição de selo numa urna que contém um caixão de chumbo hermeticamente soldado com o cadáver de Tertuliano Rosário Henriques [nome escrito a vermelho]", sendo a urna selada com um "sinete que foi a lacre vermelho sobre fita de seda lilás, que envolve a urna em cruz".

Ontem, o presidente da Junta de Freguesia, António Salvador, informou a GNR sobre o caso, cabendo depois à Guarda enviar os dados ao Ministério Público.

O caso só se tornou conhecido pela necessidade de mudar a urna devido ao alargamento do cemitério (impedindo que o caixão da viúva fosse colocado sobre o do marido), reconheceu António Salvador. Apesar de tudo, adiantou, o nome de Tertuliano Henriques é um dos 10 filhos da freguesia inscritos no monumento aos antigos combatentes que a junta inaugurou a 10 de Junho do ano passado.

**Fontes:**

DNPortugal - <http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/>

Reportagem - [http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content\\_id=1579316](http://dn.sapo.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1579316)